

Um diálogo sobre Alexander Luria¹

Michael Cole, Jerome Bruner e Oliver Sacks

Bruner: Uma das primeiras conversas que tive com Luria² foi bem aqui, na Praça Vermelha, quando ele falava sobre... quando ele e seu grupo, pela primeira vez, levaram uma proposta que foi para o – Ministro da Educação ou Ministro da Ciência, não me lembro qual – para um financiamento, que foi o início do que ele descreveu como a batalha pela consciência ou a batalha da consciência – eu não sei como dizer – e fiquei fascinado por isso. Então, não sabíamos, por exemplo, se no dia seguinte nós receberíamos cartas agradecendo o rascunho ou se eles nos retirariam do páreo e o descartariam, este tipo de coisa. E era tão difícil, mas então... isto foi no encontro de Moscou – penso que foi a primeira vez – e, depois disso, começamos assídua troca de cartas. Eu estava trocando muita correspondência, e notei que ele – falávamos de tudo na correspondência – mas notei que uma das coisas sobre as quais ele me falava foi sobre uma batalha pela consciência na Rússia, paralelamente à que começava nos Estados Unidos no Centro de Estudos Cognitivos, que já tinha... já havia começado. Mas nós estávamos de algum modo querendo voltar a uma noção de mente³. Nós... hm... neste caso éramos George A. Miller... Não acho que George e Luria conheciam-se particularmente bem ou fizeram amizade.

¹ *Comentário do editor:* A conversa entre Michael Cole (entrevistador), Jerome Bruner e Oliver Sacks (ambos entrevistados) aconteceu por volta de 2002 no apartamento de Bruner em Nova York. O encontro foi gravado em vídeo. A entrevista foi realizada no âmbito de um projeto maior que incluía uma série de “histórias orais” sobre Alexander Luria, sua vida e legado científico e foi em seguida publicada em DVD junto com as gravações das entrevistas com acadêmicos russos e internacionais que conheceram Luria pessoalmente e compartilharam suas lembranças sobre ele. Junto com a introdução de Michael Cole de 2004 e sua entrevista com Bruner e Sacks, o disco contém quatro entrevistas feitas pelo falecido Karl Levitin com Jagannath P. Das, Peeter Tulviste (ambas entrevistas foram feitas em Amsterdã durante o 5º Congresso da ISCRAT ((*International Society for Cultural Research and Activity Theory*)), de 18 a 22 de junho de 2002), Vladimir Zinchenko, Vladimir Lubovskii (ambas em Moscou; para detalhes adicionais de livro e disco veja-se, por exemplo, a resenha de Clifford Morris, “Remembering the Father of Neuropsychology”, disponível em http://www.igs.net/~cmorris/review_the_making_of_mind.htm . O disco pode ser adquirido como um suplemento do lançamento da nova biografia de Alexander Luria coeditada por Michael Cole (San Diego) e Karl Levitin (Moscou) (Cole & Levitin, 2006). A entrevista com Jerome Bruner e Oliver Sacks foi transcrita por Michael Munipov e Tatyana Zhdanova e traduzida para o russo por Elena Rusakova. Michael Cole teve a gentileza de revisar exhaustivamente e corrigir de maneira pedante o manuscrito em inglês da transcrição da entrevista. Gisele Toassa e Thales Cavalcanti e Castro se dispuseram a traduzir esta conversa para o português. Em um momento posterior a equipe editorial do PsyAnima, revista de psicologia, com o generoso apoio de Michael Cole, também planeja preparar uma publicação impressa do restante das entrevistas. Gostariamos de expressar nossa mais profunda gratidão a todos os envolvidos neste projeto transnacional em todas as etapas —A. Yasnitsky.

² *Comentário do editor:* para um histórico das comunicações e amizade de Bruner com Luria veja também o livro autobiográfico “In search of mind. Essays in autobiography”. Por exemplo: “Enquanto me afastava de Genebra [i.e., da herança intelectual de Jean Piaget —AY], aproximei-me de Moscou. O que foi em parte intelectual e em parte pessoal. A parte pessoal se deve a Alexander Romanovich Luria, um tio russo num sentido amplo. Foi com ele que pude me corresponder e conversar sobre as ideias de Vigotski [p. 144] e minhas variantes delas. Luria tinha uma energia inesgotável, lealdades intensas, entusiasmo infundável. Nos cerca de 15 anos que estive próximo dele, creio não ter havido mais de dois meses sem que eu não recebesse uma carta dele, a tradução de um livro dele, um volume com ícones de Rublov ou a arquitetura da catedral de Rostov, seja o que fosse. Ele era o czar da psicologia russa, mas um czar mais benigno seria difícil de imaginar!” (tradução do original) (Bruner, 1983, pp. 143–144)—A. Yasnitsky.

³ *Comentário do editor:* para um contexto intelectual e objetivos originais do fundador dos ‘estudos cognitivos’ e ‘ciência cognitiva’ veja-se Bruner (1990)—A. Yasnitsky.

Mas penso que Luria também sentiu que nós estávamos dispostos àquilo, tanto que muito, muito da nossa primeira conversa foi sobre a tarefa de libertar a psicologia deste tipo de mecanismo. Conforme penso sobre isso retrospectivamente, noto que, em alguma medida, nós dois - cada um a seu modo - respondíamos a algo instigantemente comum no mundo. Ele estava respondendo à ideologia comunista do homem como um tipo de robô, regredindo a um robô que, de algum modo, poderia encaixar-se em um sistema. Eu e meus... meus companheiros, incluindo você [i.e., Michael Cole] como um cara jovem, respondíamos a um tipo de taylorismo capitalista que pretendia encaixar mundialmente os homens em lugarzinhos, colocando-os no sistema industrial. E, ao nosso modo, cada um se comunicava sobre isso⁴.

E era interessante - à medida que, nos nossos contatos, quer eu estivesse a visitá-lo em Moscou, ou no restante, tendia - tendia a ser não só sobre psicologia, mas sobre o mundo simbólico. Nós compartilhávamos um certo interesse em arte, filme, teatro e aquele tipo de coisa. E o dele... o interesse dele em Stanislávski - e no restante, como no método [de Stanislávski - N. dos Ts.] - fez-me totalmente ciente de duas coisas sobre ele, que eu considere serem absolutamente fascinantes. Uma delas foi o papel dos processos simbólicos como nós diríamos agora, anos depois, de "tomar consciência" [*going meta*]⁵ de nossos pensamentos e fazer um símbolo disso. Ele pensou nisso como as artes e o meio... o meio em que, de alguma maneira, você cria obras de arte com peças ou teatro, e assim por diante. O meio, por exemplo, como no filme "Alexander Nevski", por exemplo, você tem as hordas vindo pelo gelo do lago ou no filme "Potemkin"⁶ você tem pessoas descendo a longa escada - e este tipo de coisa, representando um símbolo - pessoas

⁴ *Comentário do editor:* é notável como os temas da rebelião intelectual contra o behaviorismo de Pavlov e de Skinner e as relações interpessoais entre Bruner e Sacks emergiram no mesmo trecho de uma longa entrevista em vídeo que Oliver Sacks deu para o portal 'Web of stories' [<http://www.webofstories.com/>]: "Jerry Bruner era, e é, uma figura lendária, porque nos anos 50 ele foi um dos fundadores do... que é geralmente chamado de revolução cognitiva. Naquele tempo, behaviorismo, B. F. Skinner e reflexos condicionados eram moda. Olhava-se para o estímulo e reposta. Não havia referência ao interior do organismo. Não havia referência aos organismos terem um interior. Era realmente bizarro como algo tão contraintuitivo poderia ter... pôde ter tal poder. Um dos primeiros grandes críticos de B. F. Skinner foi Chomsky, e além de seu primeiro livro sobre estruturas sintáticas, ele escreveu um... uma resenha arrasadora de Skinner e suas obras, e toda a orientação - muito audaciosa, para não dizer *chutzpadik* [N.T.: desrespeitosa], para um jovem fazer. Chutar... chutando o deus do seu pedestal. E ao mesmo tempo, Jerry Bruner e seus colegas estavam olhando para a mente. A palavra 'mente' não existia para Pavlov e B. F. Skinner. Eu penso que na época em que Jerry [N.T.: Jerome Bruner] estava em Cambridge. Ele passou toda sua vida - bem, o que se poderia chamar de vida se ele tivesse morrido numa idade normal - teria passado entre Cambridge e Harvard. Mas aos, eu não sei, mais de 95, Jerry ainda está forte. Eu primeiro o encontrei porque ele fez uma maravilhosa, uma generosa resenha de *Com uma perna só*. E isso me deu uma perna para me sustentar, me deu uma grande coragem. Permitiu-me continuar quando eu fiquei paralisado por uma odiosa resenha do livro na Inglaterra. Jerry e eu nos tornamos amigos. Nossa diferença de gerações não parecia importar muito e agora que estou chegando aos 80, importa ainda menos". Veja esta parte da entrevista online em: <http://www.webofstories.com/play/54457> —A. Yasnitsky.

⁵ *Comentário dos tradutores:* a expressão cognitivista "going meta", que aparece entre aspas em inglês, é de difícil tradução. No livro "A cultura da educação" (Bruner, 2001, p.62;66) foi traduzida como "nível meta". Julgamos "tomar consciência" um termo mais familiar aos leitores de psicologia histórico-cultural - pois descreve um processo de tomada de consciência (*going meta* constitui-se em neologismo composto por gerúndio + prefixo, indicando movimento e não fenômeno estático, discreto) do sujeito sobre seus próprios processos mentais, como pensamento e consciência - em vocabulário cognitivista, é "processo de metacognição". Ver Toassa (2006) - G. Toassa e T. C. e Castro.

⁶ *Comentário do editor:* Bruner menciona dois filmes, "Alexander Nevsky" (1938) e "Battleship Potemkin" (1925), produzidos pelo mundialmente conhecido diretor de cinema e teórico da arte, colaborador e amigo de Luria, Sergei M. Eisenstein. Sobre as interrelações entre Luria e Eisenstein veja, por exemplo, (E. A. Luria, 1994) e também (Bulgakowa, 2001)—A. Yasnitsky.

sublevando-se contra aquilo. E a sublevação baseava-se na consciência emergindo ao longo do caminho, e assim por diante.

Então havia aquele elemento – e o outro – o outro que esteve nisso e era um muito, muito forte – foi uma certa noção de individuação. E esta era a tarefa, parte da tarefa de “tomar consciência” [*going meta*]. Isto é: você é o mestre em “tomar consciência” [*going meta*] de seus próprios pensamentos. E foi por isso, eu penso, que ele amava o trabalho do lobo frontal, como era o trabalho do lobo frontal que providenciava as bases para isso. E quando... quando, por exemplo, nós pela primeira vez estávamos trabalhando com as crianças em Cambridge, estávamos... tenho que dizer, estávamos nos correspondendo com uma tremenda frequência. Estava espantado – não tinha voltado a elas ainda – mas estava espantado em como a garota que estava em Cambridge localizou uma centena de cartas. Eu não tinha ideia de que houvesse tantas indo e vindo. Ele era... ele era firme em estar ciente do fato de que usar a velha zona de desenvolvimento proximal de Vigotski foi uma... um tipo de... não somente que haveria um tipo de coisa abstrata, mas teria de haver um ato envolvido. Ele era, em grande medida, um ator. Havia sempre um ato de retornar sobre o seu próprio conhecimento e como colocá-lo em – como posso dizer? – no próximo estágio.

Mas aquela foi... aquela parte. E aqui vai a última coisa que eu queria dizer: durante o período... durante o período no qual nós estreitamos relações – no meio da correspondência – ele foi bem como um tipo de... tipo um..., bem, tipo de figura paterna. Ele foi... um tipo de figura paterna perfeita, de algum modo, para mim. Eu penso que você possa saber algo sobre isso, também. Mas ele foi acessível, afetuoso. Ele foi como um pai intelectual judeu... eu fui o filho. E ele estava procurando... ele estava procurando por figuras desse tipo⁷.

Mas durante aquele mesmo período... foi interessante, porque eu também estava me correspondendo, não tanto e nem tão pessoalmente, com Piaget e Sir Frederick Bartlett, e percebi que, em alguma medida, foi um tipo de coisa estranha – a busca deles... a busca deles por algum tipo de ruptura na fachada behaviorista da psicologia americana, e eles estavam encontrando até pessoas como eu e Don Hebb, que estava entre aqueles com quem eu me correspondera, e Karl Pribram um pouco mais tarde.

Mas sempre pensei naquilo como um tipo de coisa interessante, em que duas coisas – e eu voltarei a uma um pouco mais tarde, quando for o caso – duas coisas distinguiram Luria de... certamente, se eu não tomar Piaget como um exemplo (pelo contrário, Luria era ameaça a Piaget) – nenhum deles trazia o sentido cultural da coisa.

Uma coisa na qual Alexander Romanovich nunca acreditou foi num tipo de crescimento invariável da mente com respeito à cultura – o tipo de estágios piagetianos. Ele... ele... ele não

⁷ *Comentário do editor:* compare com parágrafo do livro autobiográfico de Bruner: “Luria e eu nos tornamos bons amigos quase imediatamente. Tínhamos temperamentos compatíveis e muito acordo em questões psicológicas. Sua curiosidade passava por mais assuntos psicológicos do que a de Piaget e seu interesse no aperfeiçoamento da mente o levou a ser mais aberto às ligações entre a antropologia e a psicologia Além disso, ele não criou nenhum desses problemas entre pai e filho que perseguiram minhas relações com Piaget” (tradução do original) (Bruner, 1983, p. 145). Para uma pesquisa transcultural que liga a psicologia e a antropologia veja a próxima edição especial temática de PsyAnima, revista de Psicologia, provisoriamente intitulada “Kurt Koffka: ‘Uzbeks DO HAVE illusions!’ Discussing Koffka-Luria controversy” (artigos por Ilya Ponomarev, Hannah Proctor, Anton Yasnitsky, Oleg Goncharov, Vladimir Spiridonov, Eli Lamdan, e Jüri Allik)—A. Yasnitsky.

desdenhava disso. Apenas ria. Ele disse que deveria ser extremamente confortável para as pessoas terem um ponto de vista como aquele. Então, havia isso. Essa era uma das coisas que... das quais ele não gostava. E a outra coisa... a outra coisa que ele... ele... – particularmente com..., engraçado no assunto “Piaget”, era o fato de que não havia meio pelo qual a criança fosse libertada para refletir por algum meio, que fosse *au-delà*⁸, isto é, - “reflexão” era o termo que ele gostava – você se lembra? Mas era o que nós agora chamamos de “tomar consciência” [*going meta*]. Ele gostava de Bartlett por sua posição parecida com essa. Mas suponho... eu não acho que ele e Bartlett... eles se encontraram?

Cole: Duvido.

Bruner: Duvido muitíssimo, e se o fizeram, seria difícil imaginar os dois conversando... Um britânico prototípico⁹?

Cole: Deixe-me perguntar uma coisa. Porque um das... das primeiras obras publicadas que parecem,... que comentaram sobre ideias gerais foi o prefácio ao “Pensamento e Linguagem”, de Vigotski, publicado em 19... 1962¹⁰. Como aquilo aconteceu? Como aconteceu que você escrevesse aquele prefácio... e isso foi Luria arranjando as coisas?

Bruner: Bem, houve Luria arranjando as coisas, mas também tenho que mencionar o fato de que houve alguém que agiu como mediador naquilo... que foi... qual era o nome dela, novamente?

Cole: Evgenia Hanfmann?

Bruner: Evgenia. Eugênia Hanfmann. Tinha, aparentemente, havido algum... e Roman Jacobson também... Aparentemente, houve algo engraçado com relação a quem iria escrever a introdução e não o fez, ou o prefácio, que seja... não houve em um momento o caso no qual Luria escreveria um comentário?

Sacks: Não Luria, talvez Piaget?

Bruner: Piaget escreveria.

Cole: Era um comentário de Piaget.

Bruner: Era um comentário de Piaget. E, quero dizer, foi uma improvisação. Era para ser parte do livro e era para ser todo daquele modo.

Aparentemente, como me lembro, Roman Jakobson leu a coisa, e em toda sua “russidade”, se posso dizer assim, ficou tomado por uma raiva russa meio encenada. Eu amo... a raiva russa é uma maravilhosa... é uma das coisas pelas quais o teatro russo é grande. É uma forma cultural. Estou certo de que Roman era completamente cativante nesse sentido, e... como você poderia... você pega um grande, grande trabalho que Vigotski escreveu e pede a alguém com uma visão

⁸ *Francês:* além —A. Yasnitsky.

⁹ *Comentário do editor:* britânico prototípico — a expressão é uma referência ao intelectual britânico Sir Frederick Charles Bartlett (professor na Universidade de Cambridge e membro da Royal Society)—A. Yasnitsky.

¹⁰ (Vygotsky, 1962).

totalmente diferente para escrever uma avaliação. E então a expõe como um blá-blá-blá, blá-blá-blá, você sabe... Então era uma má representação, novamente, que... não sei como eles me vieram a pedir para fazer a coisa neste momento. Pode... pode ter sido ideia de Eugênia... ou pode bem ter sido Alexander Romanovich quem disse: “Por que você não põe Bruner para fazer isso?” Você sabe algo mais sobre isso?

Cole: Não, não, só estou curioso...

Bruner: Eu não...

Cole: Só por curiosidade... Eu preciso me dirigir a Oliver e gostaria de voltar a você, para criar um pequeno diálogo... A primeira correspondência que temos, eu penso, entre Jerry e Alexander Romanovich foi de 1958, acreditem.

Sacks: Foi de 58?

Cole: Eu acho que foi de 58. Talvez 56. Mas 58, certamente, mais ou menos naquele período. E sua correspondência com ele começou de um modo bem diferente... sua interação...

Sacks: Eu fui... fui fascinado por ele durante anos, especialmente pelo: “A Mente e a Memória”, que veio à luz em 68 em inglês¹¹. Mas então quando “O Homem com um Mundo Estilhaçado” veio à luz em 73, eu acho, fim de 72¹², escrevi uma resenha dele, que também tornou-se um... um ensaio sobre... sobre Luria¹³. E esse foi publicado em... em... Junho de 73, o mesmo mês do meu livro “Tempo de despertar”¹⁴. E então no mês seguinte eu recebi... eu recebi um desses envelopes maravilhosos de Moscou com... com bonitos, selos bonitos, e...



Ilustração. Da correspondência de Luria com Oliver Sacks. (Fonte: arquivo de fotos de Michael Cole)¹⁵

Bruner: Ele foi um grande colecionador de selos.

¹¹ (A. R. Luria, 1968).

¹² (A. R. Luria, 1972).

¹³ (Sacks, 1973b).

¹⁴ (Sacks, 1973a).

¹⁵ *Comentário do editor:* para outros documentos, publicações e materiais de arquivo veja *The Alexander Romanovich Luria Site* no Laboratory of Comparative Human Cognition, Universidade of California, San Diego: [<http://luria.ucsd.edu/>]. Este projeto online dificilmente seria possível sem o apoio e enérgico suporte do Dr. Michael Cole, a quem gostaríamos de expressar nossa gratidão por todo seu esforço e contribuição para a disseminação por todo o mundo das contribuições lurianas—A. Yasniitsky.

Sacks: ... e na caligrafia de Luria. Eu fiquei muito entusiasmado. Era como... como receber uma carta de Freud. E ele enviou... ele me enviou primeiro uma carta muito longa em resposta ao meu ensaio, que... que realmente falava de muitos, muitos aspectos da própria vida dele, e o quão separado ele sentia-se tanto de Pavlov quanto de Skinner e... e do pensamento mecanicista. Quão... quão importante para ele era ver as coisas em termos de desenvolvimento social. Então, não havia nunca apenas uma criança, havia sempre uma mãe e criança, havia sempre um diálogo. E,... bem, ele falou de muitas, muitas coisas, incluindo sua... incluindo o meio pelo qual Pavlov respondeu-lhe sobre o primeiro livro de sua carreira, "The Nature of Human Conflicts"¹⁶, quando... quando... quando Pavlov recusou-se a lê-lo e disse: "Você se acha um cientista?!"

Foi uma maravilhosa carta de abertura. E então uma semana depois eu recebi outra carta sobre "Tempo de Despertar". E então esse foi o início da correspondência que se manteve até a morte de Luria em 77. Mas eu... eu nunca o encontrei pessoalmente. Eu... eu não sei o que me inibiu de ir a Moscou, mas a... a correspondência, então, ramificou-se em diferentes direções. Em... inicialmente, ele esperou que alguém pudesse republicar em inglês alguns dos clássicos da neuropsicologia russa – Sechenov e... e alguns trabalhos do próprio pai dele, R.A. Luria.

Em 1974, quando eu tive meu... meu acidente estranho na perna e o sentimento de alienação quanto a ela, eu escrevi-lhe extensamente¹⁷. Eu achei aquilo ininteligível, e não podia me comunicar com ninguém exceto Luria. E eu escrevi a ele então, e houve muita correspondência sobre isso, e ele... – o que tinha a ver especialmente com a natureza da ação e imagem corporal, e como alguma coisa podia ser excluída da imagem corporal ou alienada se não estivesse ativa. E eu... eu devaneei se deveria escrever sobre isso ou não. E ele finalmente ficou tão... tão entusiasmado que me enviou um telegrama de Moscou dizendo: "Faça!" E você pode citar minhas cartas se o quiser. Em 75, comecei a ver um paciente com a Síndrome de Tourette. E mandei ao Luria algumas fitas gravadas, algumas fitas de áudio. E ele estava fascinado – ele achava que havia algumas similaridades entre os processos mentais do... do Tourette e o mnemonista dele. Ele parcialmente viu-o como mnemonista em ação.

Em... Duncan Dallas, um cineasta, esperava fazer três documentários. Um – com Luria, um – com Skinner, e um – comigo. Ele fez os documentários com Skinner e comigo¹⁸. Mas naquela época Luria estava... estava se sentindo muito... muito doente, eu acho, para contribuir.

¹⁶ (A. R. Luria, 1932).

¹⁷ Ver, por exemplo, (Sacks, 1984).

¹⁸ *Comentário do editor*. Esta a maneira como Sacks descreve este episódio em outro lugar: "Em... outubro de 73, fui abordado por Duncan Dallas da Yorkshire Television e... ele queria saber... como eu me sentiria– e como os pacientes poderiam se sentir – em relação a um documentário sendo feito e disse que gostaria de vir e conhecer os pacientes. E ele veio por 10 dias e conheceu muitos pacientes que ficaram entusiasmados com ele. E eu também, não apenas como um cineasta, mas estava muito contente em descobrir que ele uma tese de doutorado sobre [Antoine] Lavoisier a que ele era, na verdade, um químico desistente [*chemist manqué*] que teve seu próprio laboratório. Então quando não estávamos conversando sobre *Tempo de Despertar* estávamos conversando sobre química e a história da química" Veja-se o vídeo em: <http://www.webofstories.com/play/54203>. O documentário teve bastante êxito: "Então Duncan veio de novo, desta vez com sua equipe de filmagem, e em 10 dias o documentário foi feito e exibido na Inglaterra em janeiro de 74. E as pessoas gostaram muito, e eu gostei e, o mais importante, os pacientes gostaram. Algo muito diferente do que aconteceria com um documentário subsequente de Duncan" (veja: <http://www.webofstories.com/play/54205>). O sucesso deste documentário levou a várias adaptações dramáticas do livro "Tempo de Despertar" de Sacks, incluindo a peça de Harold Pinter, "A Kind of Alaska," e o filme "Tempo de Despertar", estrelado por Robert De Niro e Robin Williams—A. Yasnitsky.

Ocasionalmente, coisas completamente diferentes viriam à luz nas cartas. Uma delas era a aficção dele por histórias de detetive. E eu... eu enviei a ele um punhado delas.

Bruner: Ele era um tremendo admirador de estórias de detetive americanas.

Sacks: Acho que a preferida dele era uma de Sherlock Holmes, “Uma Solução Sete Por Cento”, que na qual mostrava um Sherlock Homes adicto em cocaína sendo... sendo analisado por Freud. Luria amava aquela.

Bruner: Enviei-lhe todos os meus livros de Ngaio Marsh.

Sacks: Sim, ele particularmente pedia, eu acho, por livros de Nicolas Freeling para mim.

Cole: Em qual medida... vocês são algumas das poucas pessoas que escrevem sobre Luria e a noção dele de ciência romântica. Estou curioso sobre o início dos fatores causais da relação entre suas ideias nesses tópicos e as dele.

Sacks: Bem, o jovem Luria que eu li era muito diferente. Eu acho que, meu primeiro Luria, foi “The...” – provavelmente no final dos anos 1950 – foi “The Nature of Human Conflicts”. E em particular, o meio em que algumas pessoas com parkinsonismo, que... que não podiam dar um passo sozinhos, podiam organizar o movimento pelo uso de mecanismos corticais elevados. E desde então eu tenho visto isso constantemente entre meus próprios pacientes... mas essa foi a primeira consideração que eu tinha visto. E então eu... em meados dos anos 1960, “Higher Cortical Functions” foi publicado¹⁹, e, de algum modo, a... o tipo estuprificante de frenologia neurológica, que... na qual eu tinha sido educado, pôde ser substituída por esta maravilhosa noção de sistemas funcionais com... com diferentes componentes. E aquilo me parecia muito, muito excitante²⁰. Mas então um diferente tipo de excitação surgiu quando eu vi “A Mente e a Memória”. Eu... eu li as primeiras 30 páginas pensando que fosse uma novela. E então eu notei que não era uma novela, mas um maravilhoso estudo de caso com toda a acurácia da ciência, mas toda a sensibilidade e drama e estrutura de uma novela. E penso que também eu mesmo sou um tipo de contador de histórias, ou antes, tenho um impulso de contador de histórias, que algumas vezes parece competir com o impulso analítico. E... mas certamente ver “A mente e a memória”, eu penso, me fez... me fortaleceu em meu próprio sentimento de que tinha de tentar um tipo similar de retratos de meus próprios pacientes, que é... que é o que eu... eu fiz em

¹⁹ (A. R. Luria, 1966).

²⁰ *Comentário do editor:* Aqui está um relato autobiográfico um tanto curioso dos primeiros encontros com os trabalhos de Luria nas décadas de 1950 e 1960: “Luria veio a Londres em 58 e deu algumas palestras sobre um par de gêmeos idênticos e seu desenvolvimento da fala e... essa combinação de ciência observacional, profundidade teórica e calor humano de um jeito que eu achei maravilhoso. Quando eu vim a Nova York eu ia ler dois livros recém-publicados de Luria, seu ‘Higher Cortical Functions in Man’, e um chamado... esqueci-me do título. Bem, e outro livro cheio de histórias de pacientes com lesões no lobo frontal, o que me chateou muito – esta pode ser a razão pela qual eu não consigo pensar no título – me chateou porque enquanto eu lia o livro, pensava: não há lugar para mim no mundo. Eu pensava: Luria já o escreveu, ele já viu, disse, escreveu e pensou tudo o que eu poderia dizer, escrever ou pensar e na minha raiva eu rasguei o livro em dois. O título era ‘The Human Brain and Psychological Process’. Eu disse na biblioteca que algo com o livro e comprei outro para ela e para mim” (veja: <http://www.webofstories.com/play/54219>)—A. Yasnitsky.

“Tempo de despertar”²¹. E eu... eu amo histórias de caso vitorianas e suas... sua riqueza de detalhes e seu *insight*, e suas... você sabe... seu caráter humano. E eu vinha sentindo que a neurologia estava tornando-se muito ressecada²². E nas... nas histórias de caso românticas do Luria, eu tive o sentimento de que a riqueza do naturalismo do século XIX era recuperada junto com a tal análise funcional que... que era completamente nova, e que podia elevar tudo para... para um novo nível. Então eu estava... eu estava eufórico com isso²³.

²¹ *Comentário do editor*. Uma versão complementar desse episódio: “Em 1968, foi publicado um livro de Luria intitulado ‘A mente e a memória’. Eu li as primeiras 30 páginas e pensei que era um romance, do tipo de Turgueniév. Eu particularmente sou fã de Turgenev por causa da riqueza de detalhes e então percebi que era um estudo de caso, mas o estudo de caso mais detalhado e profundo que eu já havia lido, um caso com todo o poder dramático e o sofrimento e a sensação de um romance. Me pareceu perfeito no seu gênero e ele, de um lado, e Auden, de outro, permitiu que *Tempo de Despertar* tivesse o formato que teve. Eu... eu acho que não poderia ter escrito *Tempo de Despertar* sem o exemplar de Luria e o... incentivo de Auden que disse, ‘você deve... você deve ampliar, você precisa usar uma paleta muito maior e alguns dos seus colegas cientistas podem desaprová-lo’”, veja: <http://www.webofstories.com/play/54220> —A. Yasnitsky.

²² *Comentário dos tradutores*: O original em inglês traz “desiccated”, com o sentido de “ressecado”, “desidratado”, “desvitalizado”, “tedioso”, como constatamos no Farlex (s/d) – G. Toassa e T.C. e Castro.

²³ *Comentário do editor*: na sua entrevista no *Web of stories* Sacks posteriormente discute sua apreciação dos estudos de casos vitorianos: “de modo geral, minhas leituras favoritas em neurologia e psiquiatria são... são estudos de caso do século XIX. Eles têm um detalhe, uma riqueza, um calor e... e uma personalidade que eu penso que é muito difícil de se encontrar em... em um estudo de caso atualmente. O... na verdade, eu penso que havia uma boa razão para pensar até alguma ressurreição dos estudos de caso por volta de 1990 que os estudos de caso estavam mortos e que os periódicos – *Brain Neurology* – que já tinham sido cheios de maravilhosos estudos de caso estavam cheios de... essencialmente artigos estatísticos e de pesquisa com... com pouco interesse humano. Mas houve um contemporâneo que era diferente, talvez contemporâneo seja a palavra errada porque ele era, eu acho, 30 anos mais velho que eu e era o neuropsicólogo soviético A. R. Luria” (veja: <http://www.webofstories.com/play/54218>). E mais: “Eu acho que me interessa pela neurologia, que agora é chamada de neurociência – embora a palavra então não existia – provavelmente desde... desde que eu era adolescente, mas conhecer pacientes em detalhes era muito empolgante para mim, uma paciente que tinha movimentos bruscos, sincronizados com luzes piscando. Ela... e na verdade uma irmã dela me contou que isso acontecia na família há cinco gerações. E eu fui a Ohio buscar registros da igreja e tumbas. E eu... e eu gostei... era uma das coisas que estava inclusa no meu malfadado livro de mioclonia. Naquela época, no entanto – já naquela época – eu penso que o estudo de caso já era supremo para mim. E, embora, eu não tivesse certeza de que forma ele deveria ter, eu me lembro que em 64 eu vi um homem com a doença de Creutzfeldt-Jakob, ou Jakob-Creutzfeldt, com uma demência terrivelmente acelerada. Isso foi muito antes da incidência da vaca louca e da Creutzfeldt-Jakob em jovens e eu escrevi dois estudos de caso sobre ele, um, cheio de jargões médicos e o outro como um conto. E de algum modo eu senti que o bom estudo de caso seria alguma coisa entre os dois, que deveria ser cheio de detalhes autênticos, mas também deveria ter todo o drama e emoção de um conto ou um romance” (veja: <http://www.webofstories.com/play/54175>). Em um dos seus primeiros escritos, Oliver Sacks, seguindo Luria, discutiu o jeito de Luria — e, neste sentido, o seu — jeito de fazer uma “ciência romântica” em contraposição a uma “ciência clássica” (Sacks, 1990). Esse artigo relativamente raro está previsto para ser republicado no ‘The Cambridge Handbook of Cultural-Historical Psychology’ (Yasnitsky, van der Veer, & Ferrari, no prelo) —A. Yasnitsky.

Referências

- Bruner, J. (1983). *In search of mind. Essays in autobiography*. New York: Harper & Row.
- Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bruner, J. (2001) *A cultura da educação*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Bulgakowa, O. (2001). *Sergei Eisenstein. A biography*. San Francisco, CA: Potemkin Press.
- Cole, M., & Levitin, K. (Eds.). (2006). *The autobiography of Alexander Luria: A dialogue with The making of mind*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Farlex. (s/d) Desiccated. In *The Free Dictionary*. Huntingdon Valley, PA: Farley Inc. Acesso em 12 de maio de 2013, Disponível em: <http://www.thefreedictionary.com/desiccated>.
- Luria, A. R. (1932). *The nature of human conflicts*. New York: Liveright.
- Luria, A. R. (1966). *Higher cortical functions in man*. New York, NY: Basic Books.
- Luria, A. R. (1972). *The man with a shattered world*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Luria, E. A. (1994). *Moi otets A. R. Luriiia [My father A. R. Luria]*. Moscow: Gnozis.
- Sacks, O. (1973a). *Awakenings*. London: Duckworth.
- Sacks, O. (1973b, June 28). The Mind of A.R. Luria. *The Listener*, 89(2309), 870–873.
- Sacks, O. (1984). *A leg to stand on*. London: Duckworth.
- Sacks, O. (1990). Luria and “Romantic Science.” In Goldberg, E. (Ed.), *Contemporary Neuropsychology and the Legacy of Luria* (pp. 181–194). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Toassa, G. (2006). Conceito de consciência em Vigotski. *Psicologia USP*, 17(2), 59-83.
- Vygotsky, L. S. (1962). *Thought and language*. Cambridge: M.I.T. Press, Massachusetts Institute of Technology.
- Yasnitsky, A., van der Veer, R., & Ferrari, M. (Eds.). (in press). *The Cambridge Handbook of Cultural-Historical Psychology*. New York: Cambridge University Press.